

# O CONSTITUINTE

I.º ANNO

NUMERO 36

A correspondência deve ser dirigida, franca de porte, para a redacção, Campo de Sant'Anna, 11.

As assignaturas são pagas adiantadas: bem como as correspondências de interesse particular.

QUARTA-FEIRA 17 DE NOVEMBRO DE 1880

Preços da assignatura  
Semestre . . . . . 1\$000  
Anno . . . . . 2\$000  
" (Brazil), moeda forte 4\$500  
Avulso . . . . . 40

Anuncios, por linha. . . . . 20  
Repetições . . . . . 10  
Comunicados . . . . . 40  
Os srs. assignantes gozam 25 por cento de abatimento.

## Braga, 17 de novembro

É chegada a occasião de gritar: *álerta, povo!* Álerta, que ahí vem o grande aparelho da machina progressista! Ahí vem o ultimo andor da longa procissão financeira do ministro da *testamentaria!* Ahí vem o nunca assaz decantado *imposto do rendimento.*

Álerta, povo! Povo, álerta! tres vezes álerta!

O imposto, quando é excessivo, irracional, iniquo, inscientifico, tem sido alenado de *albarda* por homens muito circumspectos. Ora a *albarda* presuppõe o *burro.* Se o imposto pôde razoavelmente chamar-se *albarda* em certos casos, claro é que esta *albarda* tem *burro,* tem animal a que se destina, e cujo lombo a deve aguentar.

É assim, ou não é? O *burro* aqui é pois quem? É o paiz. É o povo.

E não somos nós que lhe queremos chamar tal nome, porque o chamaríamos a nós mesmos, visto que todos nós que vivemos do nosso trabalho quotidiano, havemos de pagar o tal imposto; e como não somos empregados do banco de Portugal a quem se possa *augmentar* os ordenados justamente na vespera de se imaginar a feliz descoberta do imposto de rendimento, teremos de arrancar mais alguns mil reis ás nossas receitas sem pedir augmento aos papalvos dos accionistas d'algum banco!

## FOLHETIM

### NOTAS DE VIAGEM.

#### XII

(Continuado do n.º 31)

Ao passar segunda vez pela gaiola da girafa, de que ha pouco fallei, vi fóra da grade uma senhora ingleza quasi da altura d'aquelle mamífero. Tinha ao lado um homem alto que lhe dava por baixo do braço. Não espero ver em dias da minha vida outra mulher tão comprida, e tão esgalgada como aquella.

A girafa, immovel de baixo da ramagem d'uma arvore, olhava-a com olhos amigos, e toda a gente que passava a via com olhos espantados. Se um extenso veu verde que lhe cobria o rosto, e uma pequena parte do pescoço; se um chapéu de palha, d'aba larga, passassem para a cabeça e focinho do animal, não seria facil dizer á primeira vista qual nascera em terra africana e qual em terra ingleza.

É costume metter a ridiculo os inglezes, descrever-lhes as excentricidades, e apresental-os em toda a parte como typos originaes. A culpa é d'elles. A natureza deu-lhes um feitio

Effectivamente, o delicado ministro pae do imposto de rendimento, quando cogitou em seu bestunto este maravilhoso remedio, quando começava a fantasiar o talhe elegante d'esta nova albarda com que havia de mimozear os contribuintes de todas as classes, teve a esperteza e a finura saloia de mandar aviso aos collegas do banco de Portugal para que se precatassem a tempo com o pedido d'*augmento d'ordenados,* afim de que por direitas contas, n'aquella privilegiada classe, quem pagasse o novo imposto de rendimento, não fossem os empregados, mas simplesmente os accionistas.

É bem pilhada, não é? Pois é a pura verdade.

Dê-se o amigo povo ao incommodo de indagar se com effeito no mesmo tempo que se tractava de propôr no parlamento o célebre imposto de rendimento, o banco de Portugal (de que o actual ministro da fazenda era director, e provavelmente voltará a sê-lo, quando largar a pasta) não pediu em assembléa geral augmento d'ordenado para os seus empregados.

Pois não sabiam d'esta? Os accionistas é que chucharam a pilula: na vespera de ver os seus rendimentos gravemente desfalcados pelas novas contribuições do rendimento, do sello, etc. etc., ainda consentiram na marosca de lhes cercearem mais um tanto para augmentar aos ordenados dos empregados do banco; e estes é

diverso, e o orgulho refinou-lho. Ninguem viaja com mais commodidade, e ninguem se importa menos com o encommodo dos outros. Nós por uma generosidade que não temos para com os nossos, chamamos-lhes *excentricos,* em vez de *mal criados,* e achamos que muitas cousas que elles fazem e nos envergonhariam a nós vão perfeitamente n'elles.

Em qualquer parte do mundo onde se encontrem, julgam-se em Inglaterra e em casa, e por mais desageitados de corpo e extravagantes de vestido affirmam o seu orgulho como cidadãos e a sua... *excentricidade* como homens.

Felizmente, apparece de vez em quando uma ingleza como a que eu vi de frente da girafa, e a gente desata a rir, e acha que os inglezes quanto mais serios forem, mais nos divertem a nós em viagem.

Saindo do jardim zoologico, onde me demorei tres ou quatro horas, e onde mais me demoraria se fosse domingo ou dia feriado, porque então maior seria o numero d'animaes, fui ver a parrelha de cavallos brancos que está á janella do Mercado d'uma casa da *Praça do Mercado.*

«Cavallos brancos á janella d'um quarto andar? Que diabo de terra é

que se ficam rindo do imposto de rendimento, porque já antecipadamente houve quem lhes dêsse ajuda para o pagar!

Acaridade bem ordenada começa por casa. Não ha que extranhar. Talvez o ex-director do banco de Portugal cuidasse que ninguem dava por esta sua esperteza. O homem é fino, lá isso é. Mas tambem ha gente, não lorpa de todo, que lhe está no encaço das artimanhas, e que dá facilmente n'ellas.

Portanto, amigos, se o imposto de rendimento é *albarda,* ou antes *albardão,* e se o povo é o *burro* que a ha de carregar, prepare-se o pobre para esse transe, porque, segundo annunciam os oraculos do governo, parece averiguado que já para o anno de 81, de *feliz memoria,* teremos de experimentar todos geralmente (menos os empregados de bancos que poderem obter augmento d'ordenado *ad hoc*) essa ultima doçura, esse carinhoso e paternal beneficio publico que se chama o *imposto de rendimento,* devido á brilhante inventiva do insigne litigante de mysticas testamentarias!

Agora é que o povo vae conhecer de perto e apalpar as bellezas do sistema financeiro d'este novo Colbert que o partido progressista foi desincantar á região da alta finança do banco de Portugal.

Preparem-se todos, ricos e pobres, grandes e pequenos, sabios e igno-

essa de gente civilisada, em que os brutos de quatro pés estão de varanda a ver quem passa, como entre nós estão as meninas a ver passar os janotas e os namoros, e as mamás a ver passar as procissões e os anjinhos? Isto é escripto para creanças, ou para quem tem o juizo no seu logar?»

Estas ou outras semelhantes perguntas serão provavelmente feitas ou pensadas pelo leitor, quando chegar a este ponto das *Notas de viagem.*

E não lhe quero mal por ellas. E' natural que eu fizesse o mesmo. Repugna acreditar, sem exame, o que se nos affigura á primeira vista inverosimil. E' certo que já disse n'estas *Notas* que me não desviaria nunca da verdade por mais insípida que ella fosse, ou por mais arrojada que parecesse. Se ellas não tiverem algum merecimento pela *discripção,* não lograrão viver pela *invenção.*

A verdade é que fui ver os cavallos brancos. São velhos e revelhos. Não tem freio nem cabeçada. Estão *cerrados* ha mais de quatro seculos e meio, mas ainda não perderam a altivez que affirma a pureza da raça. A orelha fina e guiada, o olhar vivo e fixo, a venta aberta e rosada parecem esperar abertamente o zunido ou o estalo da pita do pinguelim.

rantes, homens e mulheres, proprietarios e officiaes d'officio, para no anno que ha de entrar d'aquí a mez e meio, assistirem á mais temerosa *cresta de algibeiras,* de que reza a historia do despotismo financeiro dos tempo modernos.

*Vão deitando as barbas de remólho,* como diz o dictado.

Vão fazendo o calculo a quanto lhes entra em casa cada anno para o irem declarar conscienciosamente ás commissões do lançamento, e vão-se prevenindo contra a fama immerecida de ricos sem o ser, porque tal fama vae agora pagar-se cara.

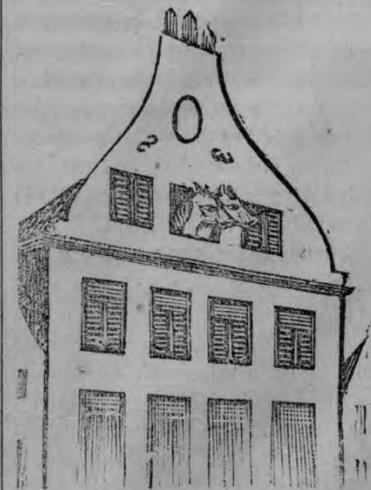
O imposto de rendimento, quanto a nós, vae porém produzir uma conflagração geral no paiz.

Não queremos ter honras de prophetas, mas atrevemo-nos a fazer esta prophécia. A historia contemporanea é que nos ensina a fazel-a. O nosso povo não costuma deixar passar sem protestos violentos qualquer tributo novo que lhe queiram impor e que lhe chegue ao vivo, como este chega. Não costumam estas coisas ir assim á primeira.

A albarda nova fere; o animal estranha e infurece-se. Ainda que depois venha a acomodar-se, da primeira vez recusa e arrebenta os aparelhos.

Depois, o povo, apezar da sua lamentavel ignorancia e indolencia em geral, tem sempre o instincto de distinguir o que é evidentemente despotico, iniquo e sem base racional, co-

Em Madrid, em Pariz, e principalmente em Londres veem-se nos museus de *armaria,* cavallos eguaes, mas cobertos d'escamas de ferro e montados pelos guerreiros tambem cobertos de pezadas armaduras d'aço. Mas em Colonia, os dous cavallos brancos estão á janella do quarto andar d'uma casa que faz lembrar pela sua forma exterior, as instrucções hollandezas, por que vae diminuindo o numero das janellas, á medida que vae crescendo o numero dos andares.



Mas que fazem elles ali, os cavallos? Estamos no paiz das lendas, que-

mo é o imposto de rendimento da forma como o concebeu o providissimo empirismo do seu auctor.

E o povo na sua rude ingenuidade vae perguntar: então, para que é este tributo que nos quer esfollar a pelle? Ainda se acaso nós vissemos as finanças completamente restauradas, postas em ordem, mettidas a bom caminho; se vissemos já toda, ou ao menos parte da divida publica paga; vá; soffra-se este mal extremo para curar outro mal de morte.

Mas se o povo vê tudo ao contrario: a divida a crescer em vertigens de rapidez, as despezas a augmentar em desaforada caudal, os desperdicios para amigos a fazerem-se da mesma forma! Então, para que quer essa gente do governo que nós dispamos a propria camiza na repartição de fazenda?

Se a divida publica fica na mesma, fique co'a breca, mas ao menos fique-nos tambem a camiza, Agora augmentar as contribuições para augmentar a divida publica ao mesmo tempo — sempre é absurdo tão gordo que nem os habitantes da aldéa de Paio-Pires já hoje poderão engulir. Senão, veremos.

Pela nossa parte acreditamos sinceramente que o imposto de rendimento vae produzir uma resistencia popular impossivel de conter. E realmente essa resistencia, se a houver, é justa e mais que fundada. Similhante imposto j'mais deveria ter

rido leitor. Estão do alto servido de aviso e licção permanente aos incredulos. Aquillo é um milagre, e tão grande foi elle que se tornou necessario que a parrelha de brutos sabbisse a trote da cavallaria e a trote sabbisse as escadas para convencer um christão, no seu luctuoso quarto.

De mais ignobris instrumentos se tem servido a Providencia para manifestar o seu poder.

Quem não tem visto pendurados das paredes das egrejas e ermidas sertanejas, onde se veneram imagens milagrosas, umas taboletas de madeira em que se lê, quasi sempre escripto com orthographia *sonica*—*Milagre que fez o senhor ou a senhora de \*\*\* a fulano de tal o qual caindo d'uma altura de vinte varas, apenas quebrou uma perna, podendo quebrar as duas?* Pois em Colonia estão na *Praça no Mercado* os dous cavallos a fazer de taboleta. E' o testemunho authenticico do facto sobrenatural.

Não ha ninguem n'aquella cidade que vos não conte a historia verdadeira d'aquelle verdadeiro milagre.

E' assim: No anno de 1440 reinava em grande parte da Allemanha uma peste que despovoava as cidades e aldeias e enchia as covas dos cemiterios e as

viddo á chancellia parlamentar. Um governo prudente mandal-o-a riscar da lista dos projectos tresnontalos do ministro que tivesse a ineptia de o apresentar.

Ora, se o povo ha de resistir a essa nova albarda, bom é que vá meditando de longe o modo sensato de o fazer para se evitarem calamidades maiores.

E é por isso que julgamos do nosso dever gritar-lhe: *áleria, povo!*

## CORRESPONDENCIAS

Lisboa, 14 de novembro.

Nada há de novo, a não ser a berraria que fazem os jornaes do governo contra os cartazes, de que já falamos na correspondencia passada; aos quaes o *Diario Popular* chama « infame especulação em detrimento do sr. ministro da fazenda ».

Os cartazes, encimados por uma grande cruz negra, continham o seguinte:

## A Cruz da testamentaria

*Historia do processo em que se acha implicado o actual ministro da fazenda*

## Henrique de Barros Gomes

*Por não entregar aos herdeiros de D. Angela Alvares a quantia de 600 contos*

Toda esta questão se acha explicada na folha politica

## A LANTERNA

DE QUE SE PUBLICOU HOJE O N.º 33, E ACHA-SE Á VENDA NOS KIOSQUES.

## PREÇO 10 REIS.

Aonde está aqui a injuria? Aonde está aqui a diffamação?

No numero referido da *Lanterna*, que não lemos, talvez a haja; no cartaz, que acabamos de copiar, não estão por certo. É verdade que ha um processo, em que está implicado o sr. Barros Gomes; e é verdade tambem que o fundamento d'esse processo é o do facto de elle e o seu co-réo não terem entregado o quantia de 600 contos, que d'elles reclamam os herdeiros de D. Angela Alvares. O proprio sr. Barros não contesta, de certo, que são estes os termos da

questão. O que elle contesta é o direito de lhe pedirem os 600 contos.

Porque se mandaram pois arrancar os cartazes, que estavam protegidos pela lei; em vez de se pedir pelo ministerio publico aos tribunaes castigo contra o editor responsavel da *Lanterna*: se esta folha infamou effectivamente um ministro da corôa, um conselheiro do rei?

Porém o sr. Barros Gomes, réo d'um processo no Maranhão, não é o sr. Barros Gomes, membro do governo em Portugal. Quando mesmo a *Lanterna* o infamasse, quando mesmo os cartazes o tivessem infamado na questão da testamentaria; essa diffamação não constitue crime publico, mas simples crime particular, de que a justiça só toma conhecimento, quando é requerida para isso pelo offendido. Aonde pára o requerimento do queixoso, o sr. Barros Gomes? Mas esse requerimento, se existisse não era ainda bastante. Aonde está o despacho, que o recebeu, e o processo que lhe deu razão?

Em lugar de tudo isto, temos um governador civil que, desconhecendo a divisão dos poderes publicos, usurpa as funcções da magistratura; e manda arrancar pelos chanfalhos dos seus policias uns papeis, que eram propriedade de seu dono, e que só podiam ser destruidos pela espada da lei; temos um ministerio que, sabendo do aconte ido e não tendo demittido o governador civil immediatamente, se tornou cúmplice, se não é o verdadeiro auctor, das suas prepotencias!

O governador civil achava pouco ter assumido as attribuições que pertencem aos juizes! Quería que os proprios policias, tendo-as assumido tambem, houvessem de moto proprio, sem ordem, arrancado os cartazes! Suspendeu uns poucos, porque o não fizeram!

Estamos na Turquia, em Marrocos, nas ilhas mais selvagens da Oceania; ou vivemos n'um paiz civilisado e livre, que tem leis e se governa por ellas?

Á margem com o ministro da fazenda! Á margem com a causa de todos estes escandalos! Á margem com o homem, que foge das justias

estrangeiras que o buscam, para procurar acóitar-se de traz das justias do paiz em que é ministro!

E agora perguntamos nós. Se depois de tudo o que se tem passado, a relação confirmar a sentença de primeira instancia, que obriga o sr. Barros Gomes a aceitar a citação brasileira; o que faz o sr. Barros Gomes? Demitte-se a final?

Qual historia! Recorre de visita.

Mas, por mais que façam todos os jornaes do governo, não o lavam das prepotencias que elle, ou ordenou, ou consentiu e louvou.

Nem todas as aguas d'este mundo eram capazes de lavar uma tão flagrante violação dos direitos do cidadão; violação que pouco ou nada valeu pelo seu objecto; mas que valeu tudo, como infracção de um dos principios mais fundamentaes da nossa vida social, a *liberdade que cada um deve sempre ter de fazer tudo o que as leis lhe não prohibem.*

P. S. Acabamos de ler no «Diario Popular» que a affixação dos cartazes constituiu um crime publico, porque teve lugar diante dos agentes da policia, que são autoridade publica.

Não só, como explicamos, os cartazes nada continham de offensivo nem por tanto de criminoso; mas tambem tola a gente comprehende que os homens, que os affixavam, tinham mais que fazer que *andar á procura* dos sitios em que havia policias para, *ahi e só ahi*, affixarem os cartazes que foram depois, todos, arrancados.

E' possivel que um ou outro cartaz fosse posto casualmente ao pé de algum policia civil, e estivesse por tanto dentro da hypthese do *Diario Popular*. Com a maioria d'elles, que eram muitos, não aconteceu assim, nem podia acontecer.

O *Diario Popular*, quando lhe parece falta á verdade para proteger os seus amigalhões. É sestro velho, e que achamos muito menos sensuravel de que outro sestro que elle tem o de commetter a mesma falta para injusta, ás vezes injustissimamente, denegrir e desacreditar os seus contrarios.

sa... Oh! abre... abre, que o terror e o frio me gelam o sangue e me matam!

— Para que vens tu, ó sombra de minha esposa, augmentar a dôr d'este pobre coração!! Vae-te, oh! vae-te por piedade...

— Sou eu, Aducht! sou tua esposa a quem julgaram morta... sou Richmodis...

— E' impossivel... minha esposa morreu! Matou-a a peste! Levaram-na d'aqui para o cemiterio mettida na sua carruagem e puchada pelos seus cavallos brancos. Fiquei eu sozinho no mundo...

— Sou eu! Estou viva! Pois não me conheces, esposo da minha alma? Tão outra me tornou em poucas horas o frio da sepultura? Acode-me que eu morro traziada de medo.

— Isto é um pesadelo horrivel! Minha mulher viva? Não pode ser, não creio! E' tão impossivel tornar a vê-la e ouvi-la, como é impossivel subirem a este quarto os seus cavallos brancos...

Palavras não eram ditas, e ouve-se o estrondoso ruido de oito patas feridas que subiam quatro a quatro os degraus da alta escadaria. Eram elles, os brutos, que ali subiam a convencer um incredulo.

Chegaram á janella e rincharam.

## CHRONICA SEMANAL

**Quarta 17.**— S. Gregorio Thaumaturgo, B—S. Victoria e S. Assiclo, irmãos, Mm.—F.—6.º Anivers. da Confirmação de S. Exc.ª Rev.ª em Arcebispo de Braga.—N. o sol ás 7 h. e 4 m. P. ás 4 h. e 56 m.

**Quinta 18.**— Dedicção das Basilicas dos app. S. Pedro e S. Paulo, em Roma.—S. Romão, M. D.—Expos. do SS. na egr. do Carmo.

**Sexta 19.**— S. Isabel, Rainha de Hungria, viuv. Franc.—F.—Missa cant. de S. Isabel nos Remedios.

## SECÇÃO NOTICIOSA

## Grande visitador.

O sr. governador civil fez antehontem a sua visita official á camara municipal. Esperavam-o os camaristas de casaca e lenço branco.

Não houve philarmonica, nem foguetes, nem lunch.

D'esta vez não teve a modestia do senhor governador civil de que magoar-se.

—Egualmente visitou s. ex.ª a cadeia, sendo acompanhado ahi pelos dignos juiz de direito e delegado do procurador regio.

Ignoramos o que a primeira autoridade do districto *relatará* a respeito da cadeia de Braga, onde falta o ar e a luz; e onde se arruina a mais vigorosa saude.

O que porém não pôde deixar no esquecimento são os grandes serviços prestados pelo digno agente do ministerio publico a uma grande parte dos infelizes que a justiça ali manda espisar faltas e crimes.

Quantos vadios analfabetos, sem officio nem beneficio, talvez criminosos por não lhes terem ensinado a ganhar honradamente o pão de cada dia, d'ali não tem sahido regenerados pelo trabalho, sabendo lêr e escrever e habilitados com um officio honesto para empregarem utilmente para si e para a sociedade a que voltam o seu tempo e a sua actividade?

Ainda ha poucos annos era a cadeia de Braga uma escola completa de desmoralisação. Os que ahi entra-

Despertaram então todos os creados, abriram-se tolas as portas, entrou a alegria por toda a casa, e os dous queridos esposos viveram ainda muitos annos, morrendo de vellice quando Deus o determinou, nos seus insondaveis arcanos.

Para perpetua memoria d'esta *resurreição*, mandou o senhor Aducht fazer dous cavallos eguaes aos brancos, e pol-os á janella. A casa passou a seus herdeiros com este onus, e assim tem chegado até nós, a travez de muitas gerações e continuará por esses tempos fóra, porque está em paiz onde a par das mais desoladoras theses, medram as mais encantadoras lendas.

A aqui tem o leitor porque eu fui ver os cavallos brancos que estão á janella no quarto andar d'uma casa da *Praça do Mercado* de Colonia.

São cousas da Alemanha. Entre nós só o marido que embirrasse de véras com a mulher, e preferisse tel-a no outro mundo do que ao pé de si, é que se punha com aquellas duvidas, a chicanar da janella para a rua; e para esse não havia ali cavallos que o convencessem do contrario...

Perto d'esta praça fica o museu de quadros gothicos. E' uma colleção rica e numerosa devida quasi toda

vam por pequenas faltas saiam professoes na arte do crime. A ociosidade era completa. Hoje, graças aos esforços e perseverança do digno delegado ha ali escolas e officinas: ha raios de luz n'aquellas paredes negras.

A cadeia de Braga, quanto o pôde ser um casarão como aquelle, condemnado pela sciencia e pela humanidade, é hoje uma casa de correcção.

Isto o dirá de certo o relatorio do senhor governador civil.

## Agua perdida

Informa-nos pessoa que viu, que o encanamento da cidade, desde Infiás até á aba do monte das Sete Fontes está em muitas partes á mercê dos que querem *furtar* agua ou sujar-a.

Em quanto por aqui lacrimam os chafarizes, e soffre sede a cidade, regam-se por lá as couves e as herbas. Se assim é nem todas as aguas do do rio Este abasteceriam a cidade, porque quanto maior fosse a porção, maiores seriam as sangrias.

Pedimos á camara que se informe e providencie de modo a evitar estes abusos.

## Aos artistas portugueses

A Italia vae levantar um monumento digno do nome e dos feitos do rei Victor Manoel.

O governo d'aquella grande nação ordenou ao seu consul em Lisboa, para convidar os artistas portugueses a concorrerem ao concurso, apresentando os seus projectos.

São de tentar os premios offerecidos aos tres melhores projectos, e o auctor do preferido, deixará memoria do seu nome e viverá em quanto durar o grandioso monumento.

Haverá ali inspiração e arte a que não sirva de poderoso estimulo o ouro e a gloria?

## Visita

Esteve algumas horas n'esta cidade, seguindo para o Porto, o sr. dr. Oliveira do Valle, illustre deputado da nação e um dos notaveis advogados da capital.

aos pinceis de pintores allemães dos seculos XV e XVI.

A viveza, o colorido, a garridice das cores d'aquelles quadros de madeira, que aliás não primam geralmente pela correcção do desenho, são irmãs gêmeas das pinturas em vidro que admiramos nas janellas e seteiras das vel. as cathedraes da Alemanha e da França.

Ouvi dizer em Paris, que nós temos em Portugal mais de oitocentos d'esses quadros, muitos dos quaes, são de valor artistico e preço inestimaveis; e ouvi dizer tambem que estavam a apodrecer não sei em que desvãos de edificios pertencentes ao governo!

«Ergo-me a delatar tamanho crime!»

Dous ou tres d'esses quadros dariam facilmente em Londres ou Paris, quanto bastasse para a formação d'uma galeria, onde fossem expostas á admiración de naturaes e d'estranhos essas reliquias da arte, que estão attestando na sua antiguidade e no seu merecimento a nossa grandeza passada, e no abandono a que os governos portuguezes as tem votado a nossa decadencia presente!

(Continúa). (F. Castiço.)

furnas dos valles. Colonia foi assaltada e vencida pelo terrivel mal. A esposa de Aducht, um dos homens mais ricos da cidade, foi victima do flagello. O marido amava-a como os allemães sabem amar, profundamente e serenamente. Mandou que a enterrassem com todas as suas joias. O cozeiro viu reluzir os diamantes, e o brilho das pedras cegou-o. Sentiu os braços prezos, e o cabo da pã apertado em ambas as mãos. Não pôde lançar mais cal sobre a tampa do caixão.

Por horas mortas da noite entron sosinho no cemiterio, e foi direito á sepultura. Ergueu a campa, abriu o caixão, e estremeceu ao ouvir o som cavo que fez a cal caindo no fundo do carneiro. Levantou-se aterrado, e apuroo o ouvido. Elle que por tantos annos lidara com mortos e se familiarisara com cadaveres tinha medo d'aquelle. Até a aragem fria da noite ciciando notas plangentes na ramagem dos ciprestes, lhe parecia gemidos que subiam do fundo da sepultura. E' que pela primeira vez o cozeiro era ladrão.

Assestou um momento a luz baixa da lanterna de furtar-fogo sobre o rosto livido da defunta, e vendo-o immovel recobrou animo, e foi taçando na escuridão até tocar no col-

lar de diamantes que ella tinha em volta do pescoço.

N'este momento sentiu a mão preza entre duas mãos geladas, e ouviu o vento gemer mais fundo nos ciprestes. Puxou com força e desprendeu-se.

O medo que lhe tirara a voz, derralhe azas, mas assim como a ave ferida no peito sóbe, sóbe ás grandes alturas para de lá cair examine e morta, assim o cozeiro ferido de pavor, perdido o tino, correu d'uma para outra rua, e não acertando com a saída subiu á grade do cemiterio, e caindo sobre uma das aguçadas lanças morreu traspassado por ella.

A defunta ou antes a cataleptica voltara a si. Ergueu-se, saiu da sepultura e viu no chão a lanterna, cuja luz dava sobre o brilho espelhado do oryálho na relva rasteira.

A lenda não diz se a esposa do sr. Aducht teve medo. Conta que a *ressuscitada* saíra do cemiterio e fóra bater á porta da sua casa. N'essa hora estava o velho marido sosinho, no quarto andar, chorando a sua viuvez. Bate a esposa s grunda, terceira, e quarta vez, e nenhum creado veio á porta. O pobre velho levantou-se, abre a janella e pergunta— quem é?

— Sou eu; sou Richmodis tua espo-

**Asylo de D. Pedro V**

Hontem foi o senhor governador civil visitar como primeira auctoridade do districto o Asylo de D. Pedro V.

Este estabelecimento de caridade e educação que de dia para dia mais merece pelos serviços que presta á humanidade e á civilização, vestiu-se de gala para receber a honrosa visita.

E' mais que provavel que o sr. visconde de Pindella nada encontrasse que não merecesse justo e sincero elogio, porque tudo ali é feito com acerto, prudencia e intelligencia, devido ao zelo dos seus directores, e á competencia de suas mestras.

**Bibliotheca publica**

Sabemos que o muito digno e muito intelligente bibliothecario, o sr. conego Alves Matheus conseguiu authorisação para comprar grande numero de livros estrangeiros para a bibliotheca publica d'esta cidade.

Oxalá que depois d'esta, obtenha outra para comprar muitas obras portuguezas que ali faltam, e que são de primeira necessidade n'uma bibliotheca como a nossa.

**Companhia Edificadora**

Esta companhia annuncia uma assembleia geral extraordinaria, na qual se tem de nomear uma commissão que dê parecer sobre o estado economico da mesma, e proponha as providencias que convem tomar.

E' do interesse de todos os accionistas comparecer n'esta reunião.

Acontece frequentemente que os que mais desprezam estas reuniões são os que mais tarde censuram as resoluções que n'ellas são tomadas pelos accionistas presentes.

**Caminho de ferro**

Diz-nos um nosso assignante que algumas vezes o expediente na entrega d'encomendas na estação do caminho de ferro, é feito com tal demora que os committentes são prejudicados nos seus interesses.

De certo que o digno chefe da estação não tem conhecimento d'estas irregularidades, e providenciará de modo a não se repetirem.

**Fallecimento**

Falleceu ante-hontem a sogra do sr. major Mathias Dias da Fonseca.

**Infermidade**

Continua gravemente doente o sr. João Augusto de Magalhães Carneiro, grande proprietario, e cavalheiro muito respeitado n'esta cidade.

Oxalá que possamos breve annunciar as melhoras que tanto lhe appetecemos.

**Theatro**

Bom é que se lembrem de nós as companhias dramaticas do Porto, principalmente n'estas estiradas noites de inverno.

A do Baquet representará no theatro de S. Geraldo, no dia 18 a *Tomada da Bastilha*, e no dia 20 a comedia-drama *Novella em acção*.

Bom será que a companhia não vá descontente para voltar breve.

**Obra monumental.**

(Continuação do Dicionario de definições)

Quadra -- Estação do anno, rimada com quatro cantos.

Taxa -- Tributo de cabeça amarella, em que se derrete assucar.

Fado -- Destino de cada um tocado na viola.

Nota -- Signal explicativo de tabelliães que os diplomatas mandam quando tratam de musica de diversos valores.

Acção -- Movimento no fóro e no campo de batalha em que se divide o capital d'uma sociedade commercial.

Norma -- Regra de conducta de Bellini.

Louro -- Tempero de cosinha que tem cabelos amarellas, e cinge a fronte dos poetas.

Fórro -- Interior da casaca onde se guardam trastes velhos.

Emboadura -- Foz do rio, muito difficil no clarinete.

Dados -- Razões de marfim.

Bastidores -- Partes lateraes da scena em que se borda.

Damasco -- Cidade e fructo de que se fazem cortinas e cobertores.

Casca -- Parte externa dos fructos que se usa no velleto.

Reboque -- Concerto de parede que pucha navios.

Decima -- Imposto rimado.

Abono -- Fiança de sentos.

Nave -- Embarcação de agreja.

Coral -- Cobra que serve para trazer nas orilhas.

Decotar -- Cortar os ramos de maneira que o collo fique bem descoberto.

Genebra -- Cidade alcoolica.

Agosto -- Mez commodo.

(Continua.)

**Exposição de bellas artes**

O Centro Artístico Portuense realisa no principio do anno futuro, no Palacio de Crystal uma exposição de bellas artes.

Esta exposição não se limita somente á exhibição d'obras d'arte -- propriamente ditas, mas tambem á venda d'aquellas que os seus donos destinarem a esse fim.

Por nos parecer de interesse geral a projectada exposição, copiamos alguns periodos do seu programma.

Por elles se verá a vantagem que resulta para os nossos artistas d'estas festas, em que o talento, a inspiração e o trabalho ganham os primeiros premios.

A exposição que o Centro Artístico Portuense se propõe organizar representa, pela primeira vez em Portugal, a alliança indissolvel da arte com a industria, pela série ininterrupta de todas as industrias, bem como a criação de estímulos salutaros para que a arte, em todas as suas grandiosas manifestações, se erga do abatimento a que a tem condemnado entre nós uma indifferença perniciosa, e a falta constante de elementos educadores do bom gosto.

Com relação á primeira tentativa, o que constitue o seu valor é: a subordinação de todos os especimens a um ponto de vista superior; a alliança de todos os elementos tradicionaes das industrias, sob a égide da grande arte, demonstrada em exemplares perfectos, e estas postos ao alcance do publico para a sua vulgarização ulterior nos officios. O que realça sobretudo esse valor é a facilidade de podermos apresentar uma successão ininterrompida de toda a série das industrias por ordem da sua affinidade e progressivo desenvolvimento.

Apesar de organisarmos a exposição da parte relativa ás artes industriaes por meio de reproduções (gravura, photographia, chromo-lithographia, etc.), é claro que receberemos do melhor grado *objectos originaes antigos*, que satisfazam a segunda condição, -- pureza de estilo, -- e venham acompanhados das necessarias indicações historicas, ficando contudo á direcção do Centro o direito de emitir no catalogo da exposição o seu parecer acerca dos objectos enviados.

Na secção -- «Arte de Impressão», só se admittem obras nacionaes, assim como na divisão VIII -- «Literatura de arte». A literatura de arte nacional não tem figurado em nenhuma exposição do paiz, nem nas academicas nem nas particulares e a julgar pelo silencio quasi absoluto que

reina sobre este assumpto, deveria concluir-se que tal cousa não existe, se centenas de publicações não provassem o contrario. Um grande numero d'esses trabalhos ha-de figurar na nossa exposição e não representará, de certo, a parte menos interessante d'ella.

Como incentivo ao desenvolvimento de todas as aptidões artisticas, promovendo-lhes por meio do apreço publico, uma remuneração condigna aos productos do seu trabalho, a exposição comporá tambem um como mercado annual, no qual encontrem principalmente os cultores das bellas-artes, um meio facil de tornar conhecidos e estimados os resultados do seu labor.

Comprehende-se que a venda dos trabalhos é meramente facultativa aos seus authores.

Essa parte do certamen estamos convencidos que abrirá igualmente novos horizontes aos artistas e que ha-de influir poderosamente no futuro das bellas-artes no nosso paiz.

Eis as explicações que julgamos dever dar sobre o plano da nossa primeira tentativa: Abrir novas fontes ao estudo pelo exame de modêlos de primeira ordem, e na mais larga escala, modêlos inacessiveis a grande parte dos estudiosos; ajudar, pelo outro lado, os estudos historico-artisticos, sobretudo os nacionaes pela comparação dos monumentos de arte da península entre si, chamando os eruditos e os amadores a um trabalho methodico de investigação; e procurar, finalmente; exercer a maxima influencia na propagação do sentimento pelo bello -- eis os problemas que o Centro Artístico intenta resolver, justificando com este plano, que é seu, e que é novo entre nós, a sua existencia e os seus direitos á consideração do publico, em geral, e em especial dos cultores e amadores das bellas-artes nacionaes e estrangeiros.

Para a propaganda util e civilisadora que huciamos, estamos certos que hão de contribuir, na medida das suas forças, todos os que se interessam pela prosperidade da arte nacional. Que estas nossas bem fundadas esperanças tenham um exito que ultrapasse o limite da nossa expectativa, é o que ambicionamos.

**Versos**

**MYSTERIO.**

(M. C.)

Quem sabe o que ella pensa,  
Quem sabe o que ella diz  
— D'esta loucura immensa,  
D'este sonho infeliz?!

Quem sabe se algum dia  
Baixou já essa flôr,  
Os olhos -- á agonía  
Da minha enorme dôr?!

Quem sabe até a ideia  
Que faz do meu chorar?!..  
Talvez que ella nem leia  
Meus versos, meu cantar!..

E lendo-os, ai! -- quem sabe  
— Por mais de quanta vez,  
De lel-os -- nem acabe  
Para -- sorrir -- talvez....

Porto, novembro de 1880.

I. C.

**Errata.**

O primeiro verso da 2.<sup>a</sup> quadra do soneto -- publicalo no nosso ultimo numero, deve ler-se:

— A saudal-a n'esta hora —

**THEATRO DE S. GERALDO**

*Duas unicas recitas d'assignatura pela Companhia dramatica do theatro Baquet do Porto*

QUINTA-FEIRA 18 DE NAVEMBRO

A representação do muito applaudido drama em 5 actos, traducção do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Salvador Marques:

**A TOMADA DA BASTILHA**

SABBADO 20 DE NOVEMBRO

A representação da comedia em 3 actos, pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. J. C. dos Santos:

**NOVELLA EM ACCÃO**

A representação da comedia em 1 acto, pelo Sr. A. d'Azevedo:

**Os desejos de minha Mulher**

A representação da applaudida comedia em 1 acto:

**OS CARECAS**

**PREÇOS DO COSTUME**

Para os srs. assignantes 10 por cento de abatimento.

Principia ás 8 horas da noite.

**ANNUNCIOS**

**Arrematação**

Pelo juizo de direito da comarca de Braga, e cartorio de Ribeiro, no dia 5 do mez de dezembro, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial sito no largo de Santo Agostinho d'esta cidade, se tem de proceder á arrematação da propriedade abaixo declarada e descrita no inventario a que por este juizo e cartorio do dito escrivão se procedeu por fallecimento de Joaquim Fernandes da Silva Campos, morador que foi n'esta cidade, e cuja propriedade é a seguinte: Uma morada de casas sobradadas com seu quintal e poço na rua do Conselheiro Januario d'esta cidade, com o n.º 48, confronta do nascente com a rua; poente com os herdeiros do Visconde da Lagôa, norte com Antonio Joaquim da Motta, sul com Domingos José Soares, de praso á casa da Misericordia d'esta cidade, com o fóro annual de quinhentos reis, e vae á praça no valôr de um conto duzentos trinta e oito mil duzentos cincoenta reis, com abatimento do fóro, preço porque foi avaliada, por assim ser deliberado pelo conselho de familia, por isso todas as pessoas que no mesmo quizerem lançar poderão comparecer no dito dia para o local designado.

Braga, 10 de novembro de 1880.

O escrivão,

João Marcos d'Araujo Ribeiro.

Verifiquei a exactidão:

(61) Adriano Carneiro de Sampaio.

**PROGRAMMAS**

PARA O

**ENSINO DOS LYCEUS**

CONFORME O

Decreto de 14 de outubro de 1880

PREÇO 160 REIS.

Vende-se na *Typographia Camões* e na Portaria do Lyceo.

**Arrematação**

Pelo juizo de direito da cidade e comarca de Braga, e cartorio do escrivão do 1.º officio, Freitas, no dia 21 d'este corrente mez de novembro, por 10 horas da manhã, na rua do Anjo e casa da morada de Francisco Pinto Leite, designada pelos n.ºs 4 e 5, se tem de arrematar em hasta publica por todo e qualquer preço que offerecido for,

varios livros e objectos d'ouro e prata, que ficaram ao fallecimento do bacharel Gonçalo Antão de Macedo Sá e Abreu, morador que foi na rua da Boa Vista d'esta mesma cidade, que se acham descriptos no inventario de maiores, a que se procede por obito do mesmo, no qual é inventariante D. Maria Angelina de Paiva Pereira Brandão, mãe do dito inventariado.

Braga, 12 de novembro de 1880.

O escrivão,

José Firmino da Costa Freitas.

Verifiquei.

(66) Adriano Carneiro de Sampaio

**COMPANHIA EDIFICADORA E INDUSTRIAL BRACARENSE**

*Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.*

São convidados os srs. accionistas a reunirem-se, extraordinariamente, no dia 25 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, no escriptorio da Companhia para se proceder á nomeação da Commissão que tem de examinar o estado economico da mesma, conforme a deliberação da Assembleia Geral de 31 d'agosto ultimo.

Braga e Escriptorio da Companhia, 15 de novembro de 1880.

O Presidente d'Assembleia Geral,

João Carlos Pereira Lobato d'Azevedo. (65)

**Venda de casas.**

Vende-se uma boa morada de casas, com todas as suas pertencas, sita em Villa Verde (campo da feira).

Para fallar até março proximo; com seu dono Manoel João Gonçalves, da freguezia de Cabanellas.

Braga, 11 de novembro de 1880. (61)

**Dinheiro.**

Empresta-se sobre penhor na rua de S. Vicente n.º 38, com entrada pela rua da Escoura n.º 38; tem em vista levar por metade dos juros que em outra qualquer parte.

S. Vicente n.º 38, Escoura n.º 38 (65)

**Rapaz para commercio**

Precisa-se d'um para o estabelecimento de ferragens de Ricardo Teixeira da Silva, campo de Sant'Anna n.º 14.

Prefere-se em primeiro lugar o que ja tiver alguma practica. (66)

**Livros classicos.**

Na officina de encadernação da rua Nova n.º 44, vendem-se livros classicos e devotos, por preços commodos. (67)

**GRANDE HOTEL**

NO

**BOM JESUS DO MONTE****PREÇOS POR PESSOA:****HOSPEDES DE CASA E MEZA**

Serviço de meza. . . . . 1\$000 reis  
 Quartos . . . . . 1\$000 — 800 — 400 e 200 »  
 Serviço de meza nos quartos — preço convencional.

**HOSPEDES SÓ DE MEZA:**

Por cada almoço á meza redonda. . . 400 reis  
 » » jantar » » . . . 700 »

**VINHO VERDE:**

Ao almoço . . . . . 1/2 garrafa  
 Ao jantar. . . . . 1 »

N. B. — Os preços de vinhos e outras bebidas — por uma lista patente aos hospedes, na meza de jantar. (63)

Contra todas as tosses e  
 molestias do peito

**O XAROPE PEITORAL  
BALSAMICO DO POBRE**

E' o melhor especifico  
 contra todas as tosses anti-  
 gas e modernas, bronchi-  
 tes agudas e chronicas e  
 recommendado pelos prin-  
 cipaes medicos conforme o  
 attestam.

DEPOSITO GERAL

**Pharmacia Braga**

Rua do Anjo, (Esquina de St.ª Cruz)

**CASA DE MODAS**

DE

**José Antonio da Silva Lomar**

28, RUA DO SOUTO, 29

Avisa as illustres damas Bra-  
 carenses de que acaba de rece-  
 ber um grande e variadissimo  
 sortido de lãs para vestidos, li-  
 nhos, cretonnes, percales, le-  
 ques de 20 rs. para cima, gol-  
 las e punhos para senhoras, e  
 um bom sortimento de formo-  
 sos laços e gravatas.

Fatos de Casemira a 4\$500 rs.  
 e muitos outros objectos proprios  
 do seu estabelecimento, que tu-  
 do vende a preços resumidos.

**AO PUBLICO**

**RICARDO TEIXEIRA  
 DÁ SILVA**, com estabele-  
 cimento de ferragens no  
 Campo de Sant'Anna n.º 4,  
 participa aos seus freguezes  
 e ao illustrado publico,  
 que mudou o seu estabelecimento  
 para a casa n.º 14 do referido  
 Campo de Sant'Anna.

N'este estabelecimento  
 tambem se encontram labo-  
 ratorios, camas de ferro e  
 colchões para as mesmas  
 tudo por preços reduzidos.

(4)

(4)

**GRANDE HOTEL**

NO

**BOM JESUS DO MONTE****EM BRAGA.**

Abriu-se este importante estabele-  
 cimento.

Offerece asseio, bom serviço e mo-  
 dicidade de preços.

(51)

PHOTOGRAPHIA, LITHOGRAPHIA, E ESTAMPARIA

**TYPOGRAPHIA CAMÕES**

DE

**SILVA BRAGA****11-CAMPO DE SANCT'ANNA-11****BRAGA**

Este estabelecimento encarrega-se de toda a qualida-  
 de de impressões tanto de lithographia como estamparia  
 e typographia, taes como: facturas, circulares, mappas, ac-  
 ções de companhias, cheques, letras, cartazes, programmas,  
 rotulos, enderesses, etc., etc.

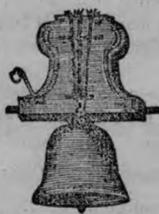
**BILHETES DE VISITA.**

Toma-se conta da impressão de qualquer livro, garan-  
 tindo-se a nitidez do trabalho.

**GRAVURA**

Grava-se em todas as qualidades de metal, em baixo e  
 alto relevo, e bem assim se extrahem estampas tanto das  
 gravuras de que se encarregar, como das que se lhe apre-  
 sentarem.

No mesmo estabelecimento se encontra á venda tudo  
 o que ha de melhor, em papelaria, objectos de escriptorio  
 e desenho, recomendaveis pela qualidade e modicidade de  
 preços.

**FABRICA DE FUNDIÇÃO DE SINOS**

EM

**BRAGA.**

**NARCIZO ANTONIO DA COSTA  
 BRAGA**, com fabrica de fundi-  
 ção de sinos, na rua das Aguas  
 n.º 37, continúa a dar com  
 promptidão e esmero de traba-  
 lho todas as obras de fundição  
 relativas á sua arte reduzindo  
 o antigo preço do metal a 610  
 reis o kilo.

Além das obras d'encommen-  
 das tem o annunciante para  
 vender no seu estabelecimento  
 sinetas e campainhas. Compra  
 sinos velhos até 435 rs. o kilo.

(36)

**MOURA**

5, RUA DE S. MARCOS, 5

**BRAGA**

Vende papeis pintados para  
 guarnecer sallas, lindissimos gos-  
 tos, a principiar em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas e vernizes  
 para pinturas de casas, tudo de boa  
 qualidade, e preços muito resu-  
 midos.

Vende cimento romano para  
 vedar aguas, gesso para estuques  
 de casas, tudo de primeira quali-  
 dade.